
O fenômeno das *fake news* a partir da experiência nos bairros de Belém (PA)

The phenomenon of fake news from experience in the neighborhoods of Belém (PA)

Darlann Miranda dos SANTOS⁴

Will Montenegro TEIXEIRA⁵

RESUMO

O presente artigo tem como intuito compreender o fenômeno das *fake news* a partir da experiência de situações ocorridas em Belém (PA). Para isso, foi realizada uma pesquisa de exploratória, delimitada por um referencial teórico de autores como Lucia Santaella (2018), Igor Rocha (2019), Christopher Douglas (2017). Além de dados parciais por meio de uma pesquisa com moradores dos bairros do Canudos e do Montese (Terra Firme), localizados em Belém (PA). A partir disso, foi possível observar como os entrevistados estão passíveis às *fake news*, acionados por suas experiências pessoais, relações afetivas e ideológicas. Compreende-se, então, como as *fake news* são difundidas nas redes sociais digitais, capazes de influenciar ações, crenças ou visões políticas.

PALAVRAS-CHAVE: *fake news*; redes sociais digitais; experiência; comunicação; Belém.

ABSTRACT

This article aims to understand the phenomenon of fake news from the experience of situations that occurred in Belém (PA). For this, an exploratory research was carried out. The research was outlined by the theoretical framework of authors, such as Lucia Santaella (2018), Igor Rocha (2019), Christopher Douglas (2017). Partial data are presented through a survey of residents of the neighborhoods of Canudos and Montese (Terra Firme), located in Belém (PA). It was possible to observe how the interviewed residents are susceptible to fake news, triggered by their personal experiences, affective and ideological relationships. It is understood, then, how fake news are currently spread on digital social networks and how they are able to influence actions, beliefs or political views.

KEYWORDS: fake news; digital social networks; experience; Communication; Belém.

⁴ Recém-graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade Paraense de Ensino (FAPEN), e-mail: darlann_m@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor e coordenador do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade Paraense de Ensino (FAPEN), e-mail: publicidadefapen@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo compreender o fenômeno das *fake news* a partir de situações que ocorreram em Belém, capital do Estado do Pará. Informações falsas sobre segurança pública causaram desespero na população da capital paraense como o ocorrido depois do dia 4 de novembro de 2014⁶, após a morte do cabo da Polícia Militar Antônio Marcos da Silva Figueiredo (Cabo Pet), de 43 anos, morto na rua Augusto Corrêa, no bairro do Guamá.

Informações sobre uma possível chacina⁷ em alguns bairros periféricos de Belém começaram a ser divulgadas pelo *Facebook*, *Twitter* e via *WhatsApp*. Naquele período, *hashtags* como #ChachinaEmBelém, #Belém e #Guamá chegaram a ser os assuntos mais populares no *Twitter* Brasileiro. Pelo *WhatsApp*, circularam áudios nos quais supostos policiais alertavam para que ninguém naquela noite fosse para estes bairros. Além dos áudios, várias imagens falsas e estimativas de mortos que variavam de 35 a 100 pessoas estavam sendo divulgadas. Conseqüentemente, essa amplificação de informações causou desespero na população de Belém e, principalmente, nos moradores dos bairros onde supostamente ocorreria a chacina.

O fenômeno das *fake news* tornou-se um dos assuntos debatidos no mundo desde o episódio eleitoral de 2016 nos Estados Unidos, quando houve uma das disputas americanas mais intensas e agressivas entre o candidato republicano Donald Trump e a candidata democrata Hillary Clinton. Assim como nos Estados Unidos, as eleições no Brasil em 2018 também foram marcadas pela circulação de *fake news*. A disputa presidencial entre os então candidatos Jair Messias Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT) teve o *WhatsApp* como um dos principais meios de propagação de informações falsas nas eleições brasileiras.

A partir dos efeitos que as *fake news* causam não só no Brasil, mas no mundo, entende-se a necessidade de discutir acerca deste fenômeno. Depois de caos que as *fake news* causaram em Belém do Pará após a morte do cabo da Polícia Militar; no País durante os períodos eleitorais

⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/04/promotoria-militar-indicia-14-pms-por-chacina-que-matou-10-em-belem.html>. Acesso em: 9 mar. 2020.

⁷ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141106_salasocial_belem_whatsapp_cc. Acesso em: 9 mar. 2020.

para Presidência da República e, recentemente, para Prefeituras Municipais, até o atual inquérito da *fake news* em andamento no Supremo Tribunal Federal (STF), é possível refletir sobre como esse novo modo de produzir e propagar informações falsas, como notícias de fato, por redes sociais digitais afetam diretamente nosso convívio social. A fim de compreender sua forma de se produzir e disseminar dentro das redes sociais digitais foi realizada uma pesquisa exploratória⁸. Para Gil (2008), as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com “objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27).

A base teórica deste artigo inicia-se a partir do conceito de *fake news*, segundo Santaella (2018) e suas origens no fundamentalismo cristão, de acordo com Rocha (2019). Além disso, são apresentados alguns dados parciais⁹ obtidos por meio de uma pesquisa qualitativa com moradores dos bairros do Canudos e do Montese (Terra Firme), localizados em Belém (PA). A pesquisa foi realizada envolvendo *fake news* sobre a temática sexualidade e gênero, com o objetivo verificar a percepção dos moradores entrevistados acerca de *fake news* relacionadas a esses temas. Para preservar a identidade dos entrevistados, eles são identificados por nome de cores, em virtude de que muitos demonstraram receio e grande resistência para realizarem, nos casos necessários, a videochamada.

A pesquisa qualitativa realizada com os moradores dos bairros do Canudos e do Montese (Terra Firme) foi fundamentada em estudos de autores como Moroni (2018), que aborda os possíveis impactos de *fake news* na percepção-ação coletiva; Magrani (2014), que esclarece relação das *fake news* com as *filter bubble* (ou filtros-bolha); Santaella (2018), no que se refere ao surgimento do neologismo chamado pós-verdade; Rocha (2019), que estuda as origens das *fake news* no fundamentalismo cristão; Lemos (2003), que propõem algumas discussões sobre as relações entre as novas tecnologias de informação, comunicação e a cultura contemporânea

⁸ A pesquisa exploratória teve início com o Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado e defendido em dezembro de 2019 sob título “*Fake news* em Belém: a experiência de fatos em contexto de proliferação de informações falsas com os moradores dos bairros de Canudos e do Montese (Terra Firme)”, apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade Paraense de Ensino (Fapen).

⁹ Os dados apresentados neste artigo são um recorte da pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso “*Fake news* em Belém: a experiência de fatos em contexto de proliferação de informações falsas com os moradores dos bairros de Canudos e do Montese (Terra Firme)”. Disponível em: http://www.ipecpa.com.br/aluno/arquivos/tcc/darlann_santos.pdf

dentro do campo de estudos de cibercultura; além de estudos de pensadores que debatem acerca do fenômeno das *fake news*.

O *WhatsApp* foi escolhido como a rede social digital por meio da qual os entrevistados supostamente receberiam as *fake news*. Segundo Teixeira (1999), na pesquisa qualitativa “o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica” (TEIXEIRA, 1999, p. 137). Assim, foram realizadas entrevistas com vinte e cinco moradores dos dois bairros com aplicação de um formulário estruturado com dezoito questões.

De acordo com Gil (2008), a entrevista “por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação ‘face a face’ e em que uma delas formula questões e a outra responde”. (GIL, 2008, p.115). “A entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social” (GIL, 2008, p. 110). Segundo o autor, o formulário por ser definido como “a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas” (GIL, 2009, p. 115).

FAKE NEWS E SUAS REPERCUSSÕES

Constantemente passamos por mudanças nos processos de comunicação, com acesso a redes sociais digitais que nos permitem trocas de informações em questão de minutos. Atreladas a toda essa facilidade e agilidade estão as *fakes news*. Desde o período eleitoral de 2016, nos Estados Unidos¹⁰, o fenômeno das *fake news* tem sido recorrente nos contextos social e político mundial e do Brasil. Essa proliferação está ocorrendo e causando danos em diversos setores, como da saúde, segurança, etc.

Na literal tradução, *fake news* significa notícias falsas. De acordo com Santaella (2018), “notícias falsas costumam ser definidas como notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras” (SANTAELLA, 2018, p. 29). Assim, essas informações são capazes de influenciar desde ações, crenças ou visões políticas, com o objetivo de atender as estimas de terceiros. Interessante notar

¹⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/11/donald-trump-vence-hillary-clinton-e-e-eleito-presidente-dos-eua.html>. Acesso em: 09 mar. 2020.

que a notícia, que pressupõe criteriosos processos de produção, apuração e checagem de fatos sob a égide de diretrizes e parâmetros jornalísticos, em nada se conecta com as *fake news*, pois são caracterizadas por informações falsas, criadas, manipuladas e de cunho tendenciosas. Caso a criação de informações falsas tenha sido sempre a de enganar, essa concepção de fato estaria distante de ser algo atual. É só lembrar de como historicamente a vida dos artistas são relatadas, sempre repletas de fofocas. Frias Filho (2018) relembra fatos do século XX, como os rumores da chegada do homem à lua, em função das imagens veiculadas sobre o episódio, e a morte do presidente Tancredo Neves, caso que teve versões da morte por septicemia, provocada por falha médica, e a de vítima de atentado. Ou, quando em 1564¹¹, uma informação falsa divulgara que o então rei da Espanha Felipe II havia sido morto a tiros com o intuito de prejudicar o rei que vivia o ápice do reinado espanhol. Portanto, anteriores à comunicação em rede. Afinal, o que existe de novo se tratando de informações falsas?

O advento das redes sociais digitais possibilitou um novo modo de se produzir e disseminar fatos com informações falsas. Para Santaella (2018), antes da emergência da internet, da cultura digital e das redes sociais digitais, as notícias eram produzidas por fontes consideradas confiáveis. As redes sociais digitais, que em questão de minutos permitem realizar publicações e compartilhamentos, estabeleceu uma nova forma de absorver e disseminar informações as quais, em geral, não passam por uma apuração. Esse novo modo de se consumir informações cresceu ainda mais combinado às mídias móveis que, de acordo com Santaella (2018, p. 31), "permitem a publicação e interação de qualquer ponto do espaço, no momento em que se desejar". Desse modo, hoje qualquer indivíduo pode criar uma conta em alguma plataforma que existe na internet. Nela, as informações são divulgadas de diversas fontes e combinadas com o mau uso das redes sociais digitais fica difícil saber se as informações contidas nessas notícias são confiáveis ou não.

A abundância de informações também é outro fator para dificultar a confiabilidade. Como um dos preceitos básicos das redes sociais digitais é o compartilhamento, isso ocasiona uma circunstância totalmente favorável para propagação de falsas informações. Desta maneira, compreende-se que a grande novidade é a propagação que as redes sociais digitais permitem

¹¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45863680>. Acesso em: 20 mar. 2019.

que essas informações tenham ao adquirir um aspecto perceptivo como se fosse “notícia”. Os usuários não têm a preocupação de ler o conteúdo e fixam apenas nas imagens que sempre são colocadas de forma para chamar atenção, incluindo chamadas com mensagens que possam envolver o receptor emocionalmente. Esse tipo de chamada é um dos principais artifícios usados para o compartilhamento de fatos repletos de informações falsas, ou seja, o uso do apelo emocional de forma sensacionalista para que o usuário possa ir além do "curtir", esquecendo-se do bom senso e disseminando *fake news*.

Para Santaella (2018), o mundo atualmente é um espaço adequado para proliferação das *fake news*. "Vivemos em um mundo no qual a desconfiança e a desinformação estão criando um ambiente perfeito para proliferação de *fake news*, motivada por interesses que visam manipular atitudes, opiniões e ações" (SANTAELLA, 2018, p. 33). Então, seja para finalidade comercial ou a disseminação de discursos de ódio, inúmeros são os motivos para que as *fake news* sejam criadas, além de que atualmente existem empresas na *deep web* (zona da internet oculta a grande parte dos usuários) que trabalham especificamente divulgando *fake news*.

Para Rocha (2019), aspectos como pseudociência, moralismo, fundamentalismo religioso e conservadorismo misturam-se às narrativas dos "fatos alternativos", com objetivo de desqualificar meios tradicionais de informação. De acordo com Rocha (2019), ao relacionar os casos citados com anatomia do fundamentalismo analisada por Paine (2010) e as reflexões de Douglas (2017), é possível observar que esses tais "fatos alternativos" compõem narrativas que sustentam sistemas muito coesos de visão do mundo, pois seu subjetivismo fechado reforça a certeza, colocando tais pontos acima de qualquer tipo de crítica. Já seu fideísmo radical sobre determinados ideólogos e fontes alternativas, garante ao sistema as fontes de tais certezas, desse modo que quem os contradiz são considerados da parte do mundo do qual se consideram livres, que são aqueles que são vistos como "doutrinados" e controlados por objetivos atrelados a conspirações globais.

Além disso, o espaço para o debate acaba se degradando, quase inexistindo, pois acaba que essas certezas que são passadas pelos atos de conspiração afirmados de forma definitiva, acabam escondendo as dúvidas e incertezas que são fundamentais ao debate, sem a possibilidade de convencimento. Portanto, essa cosmovisão motiva ações concretas, se tornando em vários casos atos de violência.

Diante da complexidade do problema, Rocha (2019) finaliza fazendo o seguinte questionamento: como combater tal problema? Para ele, a resposta não cabe em sua reflexão dada a sua complexidade, no entanto, um primeiro passo é entender dois pontos complementares. O primeiro é de compreender que boatos, *fake news*, "fatos alternativos", teorias de conspiração e pseudociência não devem ser abordados e vistos como curiosidade ou piada, pois não são. No fim de tudo isso, se conectam e acabam por se transformarem em visões fechadas de mundo que conferem identidade e legitimidade para muitas ações na vida pública, com sérios riscos à democracia.

O segundo ponto, para Rocha (2019), é necessário pensar em táticas que envolvam desde cientistas, acadêmicos, jornalistas e setores moderados de igrejas e de outros grupos religiosos de forma articulada, para se "furar a bolha" do fundamentalismo. Apenas desmentir ou mostrar os absurdos de algumas de suas premissas se mostra atualmente, algo ingênuo e inútil. E só atribuir à convicção em crenças a falta ou baixa qualidade da educação formal é igualmente de pouca utilidade, além de não ser totalmente verdadeiro, uma vez que se trata da fabricação de formas de se perceber o mundo, cosmovisões refratárias, inclusive, à própria educação formal, atacada fortemente por tais setores de extrema direita.

Rocha (2019) exemplifica que a suscetibilidade de grupos religiosos ao compartilhamento de *fake news* seria por meio da psicologia social. Quando um grupo sente a necessidade de estabelecer sentido entre conhecimentos e opiniões, os quais acreditam ser corretos em relação ao que se apresenta como opções de comportamento ou de pensamentos, a psicologia social entende por "dissonância cognitiva". Para que o indivíduo chegue ao processo de consonância, existem duas atitudes: a de aceitar o que é oferecido e refletir no que deve ser mudado ou rejeitar a opção em nome do que pensa ser o "certo". É neste dinamismo que, segundo o autor, pode estar situada a perspectiva religiosa, principalmente no caso dos grupos conservadores, para propagar a "evangelização" e angariar adeptos aos seus ideais, pois podem ficar vulneráveis às *fake news*, ao assimilarem as falsas informações às suas crenças. Rocha (2019) pondera que não são somente os ditos conservadores que se propagam mentiras¹², mas também nos diversos grupos ideológicos. No entanto, conforme o autor, seriam os grupos de

¹² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/mentir-e-pecado-os-cristaos-e-a-propagacao-de-fake-news/>. Acesso em: 12 mar. 2020.

cristãos religiosos que estariam em maior vulnerabilidade na divulgação de falsas de informações, pois estariam expostos à dissonância cognitiva. De acordo com Rocha (2019), há um contínuo questionamento aos grupos religiosos por conta de mudanças políticas e sociais que acabam colocando em questão suas crenças e convicções.

A EXPERIÊNCIA COM *FAKE NEWS*

Com o intuito de verificar a percepção dos entrevistados com *fake news*, optou-se por aquelas relacionadas ao tema de sexualidade e gênero, pois foram mencionadas recorrentemente e tiveram repercussões na eleição presidencial de 2018. As *fake news* davam conta do suposto “kit gay”¹³ para crianças de seis anos que teria sido criado por um candidato à Presidência; da proposta da discussão de “ideologia de gênero”¹⁴ nas escolas; e da possibilidade de “criação de cotas”¹⁵ para homossexuais em concursos públicos.

A pesquisa foi realizada envolvendo *fake news* com os moradores das regiões periféricas de Belém, mais especificamente dos bairros de Canudos e do Montese (Terra Firme). O *WhatsApp* foi escolhido como meio por meio do qual os entrevistados supostamente receberiam as *fake news*.

Vinte e cinco entrevistados dos dois bairros responderam às 18 perguntas do formulário, sendo três delas diretamente relacionadas à *fake news* sobre sexualidade e gênero. São elas: “Supondo que você recebesse uma notícia sobre a distribuição do kit gay nas escolas para crianças de seis anos. Por que você compartilharia tal notícia? ”; “Uma pessoa próxima, como um amigo de trabalho, vizinho ou parente, encaminha uma notícia sobre a proposta de discussão da ideologia de gênero nas escolas. Ele pede para que você passe em frente como forma de conscientização. O que você faria?; “Um parente encaminha para você uma notícia sobre o novo projeto de lei do deputado Marquinhos Freire (PT-BA) que estabelece cota de 15% das

¹³ Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/e-falso-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos/>. Acesso em: 14 abr. 2019.

¹⁴ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/06/artigo-or-afinal-ideologia-de-genero-existe/>. Acesso em 16 abr. 2019.

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/projeto-cria-cota-para-homossexuais-em-concursos-publicos-nao-e-verdade.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2019.

vagas dos concursos públicos federais para homossexuais e transexuais. Ele solicita que você encaminhe para os seus amigos por não concordar com o projeto de lei. O que você faria?”.

A partir das respostas obtidas, foi possível traçar três perfis da percepção dos entrevistados. O primeiro perfil seria o que compartilharia a favor no caso das duas primeiras (“kit gay” e “ideologia de gênero”) *fake news* e não compartilharia a terceira (“criação de cotas”). O segundo perfil não compartilharia as duas primeiras *fake news* (“kit gay” e “ideologia de gênero”) por não concordar, mas compartilharia a terceira (“criação de cotas”). E o terceiro perfil que também não iria realizar o compartilhamento, mas sabia ou desconfiava que se tratava de *fake news*. “Compartilharia, por que hoje em dia a gente fala desde agora com as crianças, é importante mostrar desde criança a realidade” (Laranja, moradora do Canudos, 49 anos); “Compartilharia, acho importante esse tipo de conscientização” (Branco, morador do Canudos, 29 anos); e “[Eu] ia compartilhar, acho que é importante” (Rosa, moradora do Montese, 27 anos).

No primeiro perfil foi possível observar que em alguns casos foi levado em consideração suas relações afetivas ou até suas histórias pessoais como motivo para o compartilhamento das *fake news*. O que poderia sinalizar o motivo pelo qual quase todos que compartilhariam as notícias não informaram se iriam verificar o conteúdo ou a fonte antes de realizar o compartilhamento. É interessante ressaltar que os entrevistados que disseram que compartilhariam as notícias durante as entrevistas, não demonstraram ter um conhecimento profundo sobre as propostas que estavam sendo discutidas nas *fake news*.

O segundo perfil identificado, os que não compartilhariam, possui uma característica semelhante ao primeiro perfil encontrado na análise. Foi possível observar que em alguns casos fatores pessoais também motivaram a não compartilhar as notícias. “Não compartilharia! Eu ia atrás do diretor para expulsar ele por ter aceito isso” (Verde, morador do Canudos, 34 anos); “Essa [cotas para homossexuais e transexuais] eu ia divulgar, se tiver que fazer assinatura faço, compartilho mesmo” (Turquesa, moradora do Canudos, 65 anos); e “É a mesma linha que te respondi da outra vez, porque, a criança não sabe distinguir o que é certo ou errado, isso é quase crueldade, como se tivesse induzindo a criança” (Gelo, morador do Montese, 26 anos).

Além disso, as pessoas desse perfil também não declararam se antes de não compartilhar leriam o conteúdo ou verificariam a fonte das informações.

O terceiro perfil encontrado na análise, demonstrou estar mais ciente ou suspeitou que se tratava de *fake news*. “Não compartilharia e mandaria meu parente procurar o que fazer, como procurar informações ou fontes confiáveis” (Azul, morador do Montese, 26 anos); “Não compartilharia, acho um absurdo o nome já até parece falso, eu descartaria” (Preto, moradora do Canudos, 24 anos); “Primeiro explicaria para ele que não existe ideologia de gênero, diria para ele pesquisar sobre e dizer que não fez sentido ele disseminar isso” (Marrom, morador do Canudos, 26 anos).

Durante as entrevistas, foi possível notar que as *fake news*, relacionadas ao tema sexualidade e gênero chegaram em alguns casos a gerar um certo desconforto em alguns entrevistados. Além disso, foi possível verificar que o primeiro e o segundo perfis, apesar de possuírem atitudes dicotômicas, demonstraram que suas atitudes eram motivadas por fatores como suas experiências pessoais, relações afetivas ou ideológicas e, por isso, podem se tornar mais vulneráveis as *fake news*. Ao que pareceu, são influenciados por motivos pessoais e, assim, acabam por não verificar a fonte ou veracidade da informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como principal finalidade compreender o fenômeno das *fake news* a partir de situações que ocorreram em Belém, capital do Estado do Pará. O fenômeno que ganhou notoriedade no mundo, com as eleições americanas de 2016, e no Brasil, com a disputa presidencial de 2018, em especial no que diz respeito ao financiamento por grupos para os disparos de informações falsas em massa.

Por meio da pesquisa foi possível compreender como esse fenômeno pode ser prejudicial até para a própria democracia, pois é fundamental que os indivíduos estejam devidamente informados para que possam debater e tomar decisões. Apesar das *fake news* serem diversificadas, em geral são criadas com intuito de influenciar a visão real de fatos, seja para causar confusão desinteressada, interessada ou para alimentar um programa político. Também é possível compreender que as origens das *fake news* no fundamentalismo cristão fazem parte de um sistema sólido que observa o mundo com rejeição à modernidade, criando "regimes de verdade" que degradam o debate público. Assim, o uso da razão, o debate de ideias

e apontamento de evidências e contradições para se chegar à verdade por via de método crítico se reduz a uma busca pela confirmação de crenças prévias e/ou desqualificação do outro.

Em geral, o estudo evidenciou que os entrevistados possuem o papel principal no compartilhamento de *fake news* por meio do *WhatsApp*, pois constatou-se a realização de um processo de “hierarquização das informações”. Para os entrevistados, a verificação da fonte de determinada informação ou compartilhamento dependeu da importância atribuída ao conteúdo. Por isso, foi possível perceber que a função de quem emite a informação também pareceu ser um fator determinante neste processo.

Sobre as *fake news* relacionadas ao tema sexualidade e gênero, observou-se que atitudes motivadas por fatores como suas experiências pessoais, relações afetivas e, principalmente, ideológicas dos primeiro e segundo perfis. O terceiro perfil constatado sabia ou desconfiava das *fake news*. Os perfis podem se tornar mais vulneráveis às *fake news*; ao que tudo indicou, são influenciados por motivos pessoais; e assim, acabam por não verificar a fonte ou veracidade dos fatos.

Os dados socioeconômicos dos entrevistados demonstraram uma variedade de informações, as quais não possibilitaram uma sistematização dos perfis neste quesito. Desse modo, não foi possível traçar um perfil socioeconômico de pessoas que sejam suscetíveis às *fake news*.

Por fim, este artigo contribui para a compreensão deste fenômeno, expondo a suscetibilidade ao compartilhamento de *fake news* e não exclusivamente a isso, mas também a atitudes de violência, falta de empatia e discursos preconceituosos. Portanto, sejam por interesses políticos, religiosos ou até mercadológicos, a sociedade vem sofrendo consequências por conta desse fenômeno, principalmente quando se vive em um espaço onde a desconfiança e desinformação estão presentes, propiciando um cenário para proliferação das *fake news*.

REFERÊNCIAS

BATISTA, R. Fake News. **Mundo Educação**, 2019. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

DOUGLAS, C. The Religious Origins of Fake News And “Alternative Facts”. **Religion Dispatches**, 2017. Disponível em: <http://religiondispatches.org/the-religious-origins-of-fake-news-and-alternative-facts/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FRIAS FILHO, O. O que é falso sobre fake news. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 39-44, jan./mar., 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2009

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEMOS, A. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23.

MAGRANI, E. M212 **Democracia conectada**: a internet como ferramenta de engajamento político-democrático. Curitiba: Juruá, 2014.

MORONI, J. **Possíveis Impactos de Fake News na Percepção-Ação Coletiva. Complexitas – Revista de Filosofia Temática**, v. 3, n. 1, p. 130-160, fev. 2019.

PAINE, S. R. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 9-26, jul./set. 2010.

ROCHA, I. T. C. As origens das fake news no fundamentalismo cristão. **Yahoo Notícias**, 2019. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/origens-das-fake-news-no-fundamentalismo-cristao-144900663.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SANTAELLA, L. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, D. M. **Fake news em Belém**: a experiência de fatos em contexto de proliferação de informações falsas com os moradores dos bairros de Canudos e do Montese (Terra Firme). 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) – Faculdade Paraense de Ensino, Belém, 2019.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Belém: Grapel, 1999.